

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## O «MONUMENTO FUNERÁRIO» DA CITÂNIA.

CARDOSO, Mário

Ano: 1946 | Número: 56

---

### Como citar este documento:

CARDOSO, Mário, O «Monumento Funerário» da Citânia. *Revista de Guimarães*, 56 (3-4) Jul.-Dez. 1946, p. 289-308.

---

Casa de Sarmento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4800-432 Guimarães  
E-mail: [geral@csarmento.uminho.pt](mailto:geral@csarmento.uminho.pt)  
URL: [www.csarmento.uminho.pt](http://www.csarmento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

## O “Monumento Funerário,, da Citânia

---

Com o título supra, e o sub-título de *Nova interpretação*, inseriu o anterior fascículo desta Revista um artigo assinado pelo Sr. António de Azevedo, da actual Direcção da prestigiosa Sociedade Martins Sarmiento, que dentro desta Instituição desempenha as funções de Conservador das Estações Arqueológicas da Citânia de Briteiros e do Castro de Sabroso.

Pareceu-nos indispensável fazer, nesta mesma Revista, uma análise, tão resumida quanto possível, da novidade que o autor daquele artigo quis apresentar-nos, uma vez que as suas afirmações envolvem o propósito explícito e formal de contraditar um modesto opúsculo que há 15 anos publicámos sobre o mesmo assunto. Toda a hipótese científica tem seus aspectos vulneráveis e transitórios (por isso que é hipótese, e não certeza), e bem podia ser que, decorrido este período bastante longo, novas descobertas viessem projectar mais intensa luz sobre a interpretação arqueológica dada ao referido monumento, tão vivamente discutido na ocasião da sua descoberta, em 1930, e ao qual anda hoje ligada uma extensa bibliografia, subscrita por autoridades na matéria. Mas a verdade é que a *Nova interpretação* não veio dar, infelizmente, mais claridade ao assunto, visto que o seu autor pretende, em resumo, que o monumento não tenha servido para funções mortuárias, mas tenha sido um templo, e nele se haja praticado o culto da água; ora esta hipótese já tinha sido também formulada por Martins Sarmiento, com relação a outro monumento congénere, aparecido no Monte da Saia, em Barcelos, (1) opinião que nós citámos no opúsculo tão calorosamente agora depre-

---

(1) Martins Sarmiento, *Dispersos*, pág. 139.

ciado <sup>(1)</sup>. Não há, portanto, em tese e de um modo geral, novidade alguma na *Nova interpretação*, aliás apresentada como simples opinião pessoal, nitidamente subjectiva, sistematicamente despojada de citações bibliográficas, como se a lição dos mestres não tivesse oportunidade alguma, e o testemunho das aquisições

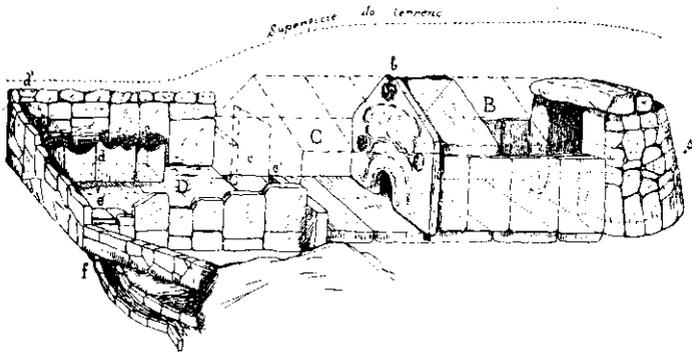


Fig. 1 — *Perspectiva do Monumento funerário de Britéiros.*

(Des. do autor).

da ciência não contasse para nada nas conclusões a que uma análise superficial nos possa erradamente conduzir.

Mas, se não existem novidades na essência da tese do Sr. António de Azevedo, existem, e muitas, nos detalhes e na forma como o autor nos apresenta a sua interpretação. Se bem traduzimos o pensamento que presidiu à elaboração do artigo, sobressaem nele três afirmações fundamentais:

- a) que o monumento da Citânia nunca foi destinado a fins mortuários;
- b) que do monumento não fazia parte, inicialmente, a «pedra formosa» nem o resto da edificação à sua rectaguarda (vidê Fig. 1); e que este monumento era um

<sup>(1)</sup> Mário Cardozo, *A última descoberta arqueológica na Citânia de Britéiros e a interpretação da Pedra Formosa*, Guimarães, 1931, págs. 50, 54 e 67 da Separata.

simples *matadouro* ou *açougue*, onde portanto se abatiam as reses para consumo vulgar;

- c) que, numa época histórica fixada pelo autor no período romano, o monumento deixou de ser matadouro (ignora-se por que estranhos motivos), e, depois de lhe ser adicionada a «pedra formosa» e a restante construção à sua rectaguarda, passou a ser um templo:— o *Templo da Água*.

Não podemos reeditar aqui a série de artigos que publicámos nesta Revista <sup>(1)</sup>, e que formaram, em separata, um opúsculo de 70 páginas sobre o monumento de Briteiros, trabalho agora condenado pelo autor da *Nova interpretação*; mas, a verdade é que as palavras com que neste momento chamamos a atenção do leitor se dispensariam por supérfluas, se todas as pessoas que leram o artigo do Sr. António de Azevedo, e não conhecem o nosso estudo sobre o assunto, se dessem à canseira de passar os olhos pelo que escrevemos há 15 anos! Na dúvida de que o possam fazer, somos obrigados a comentar a *Nova interpretação* e a citar, para rápido esclarecimento, e onde se tornar necessário, o que nas páginas desta Revista afirmámos em 1930, e que, segundo a exposição do Sr. António de Azevedo, *parece que não afirmámos*, ou que o apresentámos por forma leviana e insustentável, mercê de uma «ginástica intelectual» e de uma «fantasia mais ou menos erudita», que nos conduziu ao «reino do absurdo» <sup>(2)</sup>. Para contrabalançarmos estas expressões pejorativas com que o autor da *Nova interpretação* nos distingue, poderíamos, antes de mais, trazer para aqui citações de críticas, totalmente opostas à do Sr. A. de Azevedo, que, sobre o nosso já esquecido e agora relembrado opúsculo, emitiram muitos arqueólogos, professores e investigadores de reconhecido mérito, nacionais e estrangeiros.

(1) Vide *Revista de Guimarães*, vol. XLI (1931), págs. 55, 201 e 250; vol. XLII (1932), págs. 7 e 127.

(2) Cf. *Rev. de Guimarães*, vol. LVI (1946), pág. 158.

Não o fazemos porque seria uma demonstração de ridícula vaidade, contrária aos nossos processos de trabalho e de estudo. Não percamos tempo com isso, e poupemos espaço a esta Revista.

Como chegou o autor do artigo publicado no anterior fascículo desta Revista às suas curiosas conclusões? Por uma descoberta que diz ter feito, quando há meses acompanhou à Citânia de Briteiros um escolar irlandês, que por aqui passou em viagem de estudo. Notaram os dois, com estranheza e «desorientados» (para empregar o próprio termo do autor do artigo) <sup>(1)</sup>, a extensão da parte polida da superfície horizontal da pedra em que encaixa verticalmente a estela, que, pela sua semelhança com a conhecida «Pedra Formosa», mereceu a mesma designação. Pois foi o reparo nesse pequeno detalhe, aliás já notado no nosso opúsculo <sup>(2)</sup>, o bastante para o Sr. António de Azevedo architectar a sua *Nova interpretação*. Vamos a ela.

Contesta o autor, logo de começo, que o monumento de Briteiros tenha carácter fúnebre, dizendo que só por ignorância ou «comodidade» <sup>(2)</sup> se lhe chamou «monumento funerário». E atribui-nos, em parte, as culpas desta suposta falsa designação, afirmando, ao encerrar o seu artigo, que a hipótese funerária, e outras de igual jaez, «correm de boca em boca, ou por dedução própria, ou por leituras feitas, sobretudo através do livro de Mário Cardozo — *A última descoberta arqueológica na Citânia de Briteiros e a interpretação da Pedra Formosa*». Acrescenta a isto, que tudo quanto sobre o monumento se tem escrito foi baseado no nosso estudo <sup>(3)</sup>.

Não podemos com tamanha honra e celebridade. Em primeiro lugar porque, entre as hipóteses que fizemos «correr de boca em boca», se inclui também a preferida, através do nosso livro, pelo Sr. António de Azevedo, isto é — a de considerar o monumento da Citânia como *templo*, onde porventura se venerou

---

<sup>(1)</sup> *Rev. de Guimarães*, vol. LVI cit., pág. 164.

<sup>(2)</sup> *Ob. cit.*, pág. 60.

<sup>(3)</sup> *Cf. Rev. de Guimarães*, vol. LXI cit., pág. 164.

alguma divindade, muito embora, quanto a nós, não a da água ou das fontes, que de início rejeitamos, apresentando razões <sup>(1)</sup> a que adiante aludiremos novamente; e, em segundo lugar, porque, limitando-nos naquele modesto opúsculo a descrever o monumento e a apresentar hipóteses para a sua interpretação, não fomos nós quem deu maior ou menor preferência à hipótese de *monumento funerário* <sup>(2)</sup>, mas sim investigadores e arqueólogos para tal autorizados pelo seu saber e pela sua alta competência, tendo quase todos visto e estudado directamente o monumento *in loco* <sup>(3)</sup>. Já dissemos que não podemos reeditar aqui, porque seria demasiado extenso e enfadonha repetição,

(1) *Ob. cit.*, págs. 54, 55 e 67.

(2) Cf. as conclusões a que chegámos no nosso estudo, na *Ob. cit.*, págs. 67 e 68.

(3) P.<sup>o</sup> Eugénio Jalhay, «Las piedras sepulcrales romanas de La Bureba, Burgos», na *Rev. Ibéria*, Tortosa, 1923, pág. 13-14; «A Citânia de Sanfins» na *Rev. Brotéria*, Lisboa, 1944, pág. 23 da Sep.

Emile Linckenheld, *Les stèles funéraires en forme de maison*, Paris, 1927, pág. 111; «Quelques observations sur le monument découvert à Briteiros (Portugal)», na *Rev. de Guimarães*, vol. XLVI, 1936, pág. 173 e seguintes.

Juan Cabré Aguiló, «Las necrópolis de los castros del Bajo Dueró y del Norte de Portugal», no *Arch. Español de Arqueología*, Madrid, 1930, n.º 18, pág. 262.

Julio Martínez Santa-Olalla, «Las estelas funerarias en forma de casa en España», na *Rev. Investigación y Progreso*, Madrid, 1932, ano VI, n.º 10, pág. 150; «Monumentos funerários célticos. As Pedras Formosas e as estelas em forma de casa», na *Homenagem a Martins Sarmiento*, Guimarães, 1933, pág. 226 e seguintes.

Francesco Pellati, «Le due pietre di Briteiros» no *Bollettino del Associazione Internazionale Studi Mediterranei*, Roma, 1932, n.º 5, pág. 5 e 6.

C. D. Palmer, «Citania and Sabroso. Prehistoric Hill Cities of the Iberian Peninsula», in *The Sphere*, Londres, 1935, vol. CXLI, N.º 1837, pág. 16.

Antonio Garcia y Bellido e Juan Uria y Riu, *Avance a las excavaciones del Castellon de Coaña*, Oviedo, 1940, pág. 15.

Antonio Garcia y Bellido, «El castro de Coaña (Asturias) y algunas notas sobre el posible origen de esta cultura», no *Arch. Español de Arq.*, Madrid, 1941, pág. 198, e também na *Rev. de Guimarães*, vol. L, 1940, pág. 295; «El castro de Pencia», no *Arch. Esp. de Arq.*, Madrid, 1942, pág. 296 e seguintes.

Juan Uria y Riu, «Excavaciones en el Castellon de Coaña: Nuevos datos y consideraciones», na *Revista de la Universidad de Oviedo*, 1942, pág. 10 e seguintes.

tudo quanto expusemos no nosso opúsculo sobre as hipóteses da finalidade do monumento de Briteiros; quem ignorar as razões científicas pelas quais os investigadores autorizados atribuíram carácter *funerário* àquele monumento poderá esclarecer-se consultando a bibliografia aqui citada. Para esses autores, que são professores de Arqueologia, o monumento de Briteiros é, com fundadas probabilidades, um *monumento funerário*.

Não significa isto que proclamemos a cega obediência a supostos princípios imutáveis e nos limitemos a repetir a opinião alheia, abdicando do raciocínio próprio, ou nos encerremos em atitudes contemplativas, meramente subordinadas aos artigos de fé de uma erudição livresca. Mas é preciso que a nossa opinião, o nosso inquérito pessoal, se tivermos a pretensão de dispensar o auxílio da «ciência poeirenta» dos livros (assim classificada pelos novos iconoclastas), se baseie em realidades objectivas, e não em divagações indefensáveis à luz de um critério equilibrado e lógico.

Analisemos o segundo ponto essencial da *Nova interpretação*. Diz o seu autor que, inicialmente, o monumento de Briteiros foi um simples matadouro. Também não é novidade a hipótese de ali se terem imolado reses. Essa dedução ressalta do desgaste patente nas guardas do tanque que se encontra no átrio do monumento (Vide Fig. 1-d), e nas pedras de outro tanque pertencente a um monumento idêntico, que existiu no Monte da Saia, em Barcelos, como o Sr. António de Azevedo deve ter lido no nosso opúsculo; a forma desse desgaste deixa perceber que em tais pedras se afiaram instrumentos cortantes; de aí a hipótese da imolação das reses, tanto mais de aceitar quanto é certo que uma das pedras assim desgastadas, procedentes do Monte da Saia (actualmente no Museu de Martins Sarmiento), tem esculpida uma personagem segurando um touro por uma das hastes. Não se tratava, porém, como pensa o Sr. António de Azevedo, de um açougue comum, espécie de matadouro municipal, onde os citanienses iriam abater as reses com que se alimentavam vulgarmente, mas sim de um lugar onde se praticavam sacrifícios, em obe-

diência a determinado ritual, e onde a vítima era imolada num intuito meramente religioso, ligado a um culto mortuário, ou ao culto de qualquer divindade, fosse ela ou não a deusa tutelar das águas, preferida pelo Sr. António de Azevedo. Para um fim meramente utilitário, isto é — para abater as reses que consumiam em seus banquetes ou festins, não precisariam os habitantes da Citânia do luxo de um matadouro *municipal* (ou antes, de dois, pelo menos, visto que a «pedra formosa» existente no Museu de M. S. pertenceu também a outro monumento idêntico) (1); praticariam sem dúvida tal operação no recinto, ou proximidades, da própria morada de cada um, como ainda hoje faz qualquer rústico. Ora, se no monumento da Citânia eram realmente abatidas reses, tratar-se-ia sem dúvida de um acto sacrificatório, de intenção e sentido puramente religioso, que a simbólica ornamental do próprio monumento (ou sejam, os signos astrais, nas duas faces da «pedra formosa» que dele faz parte), e ainda as esculturas do Monte da Saia claramente confirmam. Note-se, de passagem, que aqueles símbolos, tais como o suástica e outros, são atributos muito frequentes e característicos das estelas *funerárias* hispano-romanas.

Mas, para o autor da *Nova interpretação*, a «pedra formosa» não existia inicialmente no edifício! Em que se apoia esta inesperada afirmação?! Na suposta descoberta que ele e o tal escolar irlandês fizeram de o polido que apresenta a pedra, onde verticalmente encaixa a estela a que se deu a designação de segunda «pedra formosa», se prolongar até à base desta, polido que, para o Sr. António de Azevedo, não poderia ter sido executado com a estela *in situ*. Quanto à causa que produziu esse polido da pedra, particularmente rija e difícil de desgastar pelo simples atrito dos pés, atribuiu-a o autor à acção do afiamento de «um machado, um cinzel, um formão, ou qualquer peça perfurante» (sic) (2).

---

(1) Mário Cardozo, «Possível identificação do primitivo local da *Pedra Formosa* na Citânia de Briteiros», *Rev. de Guimarães*, vol. XLV, 1935, pág. 50.

(2) Cf. *Rev. de Guimarães*, vol. LXI cit., pág. 161.

Em primeiro lugar, não se compreende para que serviria um cinzel, ou um formão, num matadouro! E afiados *no chão* por que estranho motivo, se lá está, nas guardas do tanque, o desgaste causado pelo afiamento de instrumentos a mostrar à evidência o local escolhido para tal fim? Oferecia esta operação maior comodidade praticada no solo?! Mas, nunca se viu, em nossos dias, um artífice afiar um formão, colocando a pedra de afiar *de preferência no chão*! Quer dizer, no tal açougue da Citânia existiam, segundo a teoria do Sr. António de Azevedo, dois lugares para o afiamento dos instrumentos da manança: — facas, ou coisa parecida, nas guardas do tanque; machados, formões ou cinzéis (que ninguém sabe a que se destinavam, num açougue), no pavimento! E aqui está explicado o largo polido da pedra que serve de base à estela, explicação que foi considerada bastante para atirar por terra a hipótese de o monumento de Briteiros ter sido porventura um monumento funerário! O leitor dirá quem divaga, ou dá largas à fantasia, flutuando pelas regiões «do absurdo»: se nós, que escrevemos um opúsculo essencialmente descritivo do monumento de Briteiros, sem nos termos fixado definitivamente em qualquer hipótese da sua aplicação, se o Sr. António Azevedo, com a sua increditável «ginástica intelectual»!

Mas (explica o Sr. António de Azevedo), o chão, «com a água a correr» sobre os pés do marchante ou cortador, e o instrumento que ele afiava também coberto por essa água corrente, era precisamente «o melhor local» (1) para a operação de afiamento! ¿Então havia água nesse pavimento, capeado a pedra, deslizando pela superfície do tal calhau polido, de rijo granito *dente de cavallo*, com fortes incrustações de quartzo (que aliás nunca poderia ser escolhido para pedra de afiar, justamente por esta sua qualidade e rizeza...)? Pois havia, sim. Para o autor da *Nova interpretação* o monumento possuía água de duas origens; quando uma secava, logo surgia a outra! A primeira provinha dos escorros da velha fonte da Citânia, situada na

---

(1) *Rev. de Guimarães*, vol. LXI cit., pág. 161.



*Fig. 2 — Maquette do Monumento funerário de Briteiros, executada para o Museu de Martins Sarmiento pelo ilustre Escultor Raul Xavier.*

(Fot. tirada de alto).

encosta do lado sul, e descia por uma caleira de pedra colocada à margem da calçada que passa junto do monumento, em direcção ao tanque do mesmo, no qual caía por uma gárgula que foi encontrada *in situ* (vide fig. 2). Não há dúvidas sobre isso, como facilmente se verifica no local. A outra água (que, por uma complicada teoria hidráulica, o Sr. António de Azevedo pretende que surgiria das entranhas da terra, quando a fonte da Citânia secava) (1), brotava, segundo o autor da *Nova interpretação*, do fundo de um pequeno recorte rectangular, praticado no bordo do calhau horizontal onde assenta a «pedra formosa» (2). O que, porém, o autor não diz é que precisamente nessa cavidade ajustava um fecho ou tampa do mesmo grão, que na ocasião das escavações ali foi encontrada, no lugar que lhe pertencia, e de onde mais tarde desapareceu, certamente deslocada e extraviada, ou partida pelo garotio: mas disse-o eu, no meu opúsculo (3). Nesse caso, qual seria a utilidade de uma tampa de pedra, nessa cavidade rectangular de 30x18 cm., de onde, na opinião do Sr. António de Azevedo, *borbotava a água*?! Curiosa fonte seria essa que, pela exiguidade das suas dimensões, nem sequer a poderíamos comparar às arcaicas e humildes fontes «de mergulho», ainda vulgaríssimas pelas nossas aldeias minhotas e transmontanas, e das quais a autêntica, e única, da Citânia de Briteiros, é um arquétipo milenário bem flagrante!

Pois, por muito extraordinário que tudo isto pareça ao leitor, era assim mesmo, de um modo categórico e formal, no parecer do Sr. António de Azevedo. Ainda na opinião do autor da *Nova interpretação*, aquela água, que nascia sob o lajeado do tal *açougue*, brotava devido à simples infiltração local das chuvas anuais, para logo desaparecer no estio (4). Não era o caso, portanto, de uma nascente que proviesse de qualquer lençol de água subterrâneo, hoje esgotado

---

(1) *Rev. de Guimarães*, vol. LXI cit., pág. 163.

(2) *Idem*, págs. 154-155.

(3) *Ob. Cit.*, pág. 28. Cf. também a Fig. 4 do mesmo opúsculo, contendo a planta rigorosa e cortes do monumento.

(4) Cf. *Rev. de Guimarães*, vol. LXI cit., pág. 163.

ou desviado agora noutra direcção. Ora, não sendo assim, tratando-se apenas da infiltração periódica das águas pluviais, não se compreende a razão porque tal fenómeno se não repita na actualidade, e a água tenha desaparecido por completo, não só dessa fantástica nascente, como da que, na verdade, alimentava a autêntica fonte da Citânia! A explicação é outra: a Citânia não é «quase uma colina sem ligação com qualquer sistema montanhoso», ao contrário do que o Sr. António de Azevedo supõe <sup>(1)</sup>: a água que alimentava a fonte da Citânia provinha das alturas de Pedralva, dos contrafortes que, do Monte Alto (cota 415), se prolongam para sul, em acentuado declive, e dos quais o Monte da Citânia, em nível muito inferior (cota 336), é um simples esporão. A fonte da Citânia secou porque o lençol de água que a alimentava derivou o seu escoante para outro lado, devido a qualquer acção natural ou artificial. E' um fenómeno vulgar, e não há motivo para, sobre este assunto, precisarmos de aceitar as teorias complicadas do Sr. António de Azevedo, num jogo combinado de nascentes que brotam e nascentes que secam, alternadamente!

Entremos agora no terceiro ponto da sua tese. Diz o autor que, súbitamente, nos tempos romanos (ignora-se por que especiais motivos) *o açougue* (com a sua água das sobras da fonte da Citânia, e a da pre-tensa nascente, borbulhando pelo buraco de um pavimento lajeado) deixou de ser açougue e passou a ser *o Templo da Água*, com letras maiúsculas! Porquê? Ninguém o sabe. Quererá o Sr. António de Azevedo que essas águas de origem diversa (uma dos escorros da autêntica fonte citaniense, outra da hipotética nascente), emporcalhadas pelos detritos e rebotalhos do tal açougue, adquirissem, em determinada ocasião, propriedades curativas miraculosas, que as tornassem profiláticas ou sagradas? Sim, porque as divindades das águas não tinham seu culto em qualquer charco, ou fonte vulgar: só eram veneradas as nascentes mi-lagrosas, as fontes santas, os rios sagrados, as águas

---

(1) *Rev. de Guimarães*, vol. LXI cit., pág. 159.

termais, etc. Quem quer pode tomar conhecimento circunstanciado deste assunto, abrindo, por exemplo, as *Religiões da Lusitânia*, do saudoso Professor Leite de Vasconcelos, e lendo com um pouco de atenção as suas páginas (1), ou folheando qualquer dos numerosos trabalhos mais recentes sobre o assunto, como, por exemplo, *O culto das fontes no noroeste hispanico*, de Florentino Cuevillas (2), *La mitologia del agua en el Noroeste hispanico*, de Bouza-Brey (3), o interessante trabalho sobre *A Irmandade da água*, que o ilustre Etnógrafo Alberto Vieira Braga publicou no mesmo fascículo desta Revista, que inseriu a *Nova interpretação* (4), etc. Já no nosso opúsculo (5) apresentamos a razão pela qual não aceitávamos a hipótese do templo consagrado ao culto das águas, baseados no facto de no monumento não haver na realidade indícios da existência de qualquer nascente, mas apenas um simples tanque que recolhia os escorros de uma fonte distante, e que parecia somente destinado ao afiamento de instrumentos cortantes, ou a servir de *lavacrum*, no decorrer de quaisquer cerimónias rituais.

Para architectar a fantasiosa *Nova interpretação*, teve o seu autor de desagregar o monumento de Briteiros no tempo e no espaço. Afirma ele, como acabamos de ver, que em tempos pré-romanos, o monumento seria apenas um açougue, limitado a um recinto lajeado (Fig. 1-D), onde existia um tanque e um pavimento anexo (Fig. 1-C), no qual brotava a água de uma suposta nascente; a dois passos deste açougue, mas destacada dele, havia uma edificação redonda, (Fig. 1-A), coberta por uma falsa cúpula, a que o Sr. António de Azevedo atribui a utilidade de lareira «para cozinhar, ou aquecer águas», ou ainda a

---

(1) J. Leite de Vasconcelos, *Religiões da Lusitânia*, Lisboa, vol. II (1905), pág. 224 e seguintes, e vol. III (1913), pág. 248 e seguintes.

(2) Vide *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, Porto, 1935, vol. VII, pág. 73 e seguintes.

(3) Separata do *Boletín de la Real Academia Gallega*, La Coruña, 1942.

(4) Pág. 60.

(5) *Ob. cit.*, pág. 54-55.

de «forja ou forno para louça» (1), portanto sem qualquer ligação ou afinidade com o tal açougue. É curioso notar que, antes desta afirmação, em que já se admite a possibilidade de essa construção de planta circular desempenhar a função de forno, o autor tinha escrito que «ninguém constrói um forno, que o não forre de tijolo refractário ou de barro» (2), mostrando com esta afirmativa ignorar a existência trivial de fornos inteiramente de pedra para a cosedura do pão, por exemplo, desde remota antiguidade (ruínas da Citânia de Santa Tecla, na Galiza) (3) até aos nossos dias (fornos de casas rústicas de algumas regiões da Beira-Alta). Ora, nas paredes dessa câmara redonda do monumento, sem vestígios de ter sido forrada a tijolo, eram evidentes, na ocasião das escavações, os efeitos da acção do fogo, e ali apareceram carvões e várias pedras avulsas, polidas, e também enegrecidas pelo fogo (4). O Prof. de Geologia da Universidade de Coimbra, Dr. Anselmo Ferraz de Carvalho, a quem enviámos, em 1930, um fragmento de pedra da superfície interna da parede daquela construção abobadada, confirmou a acção prolongada e directa do fogo (5).

Posteriormente (continua a expor o Sr. António de Azevedo), já nos tempos romanos, foi aquele açougue ligado ao tal forno de louça vizinho, por uma galeria, coberta de grandes calhaus em duas águas (Fig. 1-B); colocou-se em seguida, a servir de frontespício a esta galeria, a «pedra formosa», e surgiu então o *Templo da Água!*

Ora o monumento de Briteiros não foi feito aos bocados nem é capa de remendos, por muito que isso custe às «audaciosas» teorias do Sr. António de Azevedo. Esse monumento tem uma unidade arquitectónica, em todas as suas partes componentes (vide Fig. 2), tem uma estrutura de conjunto característica, a sua traça não foi obra do mero acaso, obedeceu a

---

(1) Cf. *Rev. de Guimarães*, vol. LXI cit., pág. 163.

(2) *Idem*, pág. 151.

(3) Julián López García, *La Citania de Santa Tecla, o una ciudad prehistórica desenterrada*, La Guardia, 1927, pág. 61.

(4) Mário Cardozo, *Ob. cit.*, pág. 19 e fig. 6.

(5) *Ob. cit.*, pág. 26 — nota 1, e pág. 69.

uma tradição com raízes num remoto passado <sup>(1)</sup>, e teve uma origem e uma finalidade concretas. E', em suma, na opinião dos mestres, um monumento pré-romano, ou mais explicitamente — céltico, de carácter *funerário*, por muito que isso abale e contrarie as descobertas do autor da *Nova interpretação*.

Que o seu traçado não foi obra do acaso, ou simples ligação de edificações heterogéneas, construídas

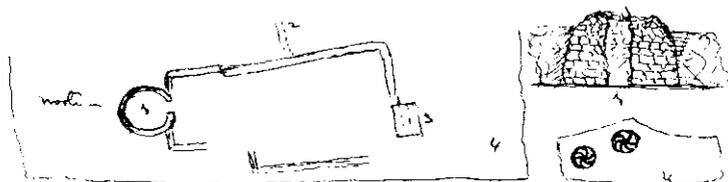


Fig. 3 — *Planta e corte do Monumento do Monte da Saia, em Barcelos. Desenho de Martins Sarmento, acompanhado da seguinte legenda: 1) O forno (na planta baixa e perfil); 2) Sinais de uma mina; 3) Espécie de degraus; 4) Sítio onde vi a pedra do desenho.*

(«*Mss. Inéditos*», Cad. 39 — 1878 — p. 71).

inicialmente para meros fins utilitários, atestam-nos outros monumentos de estrutura semelhante, descobertos anteriormente ao de Briteiros, e que eu cito no meu opúsculo <sup>(2)</sup>, bem como outros descobertos e

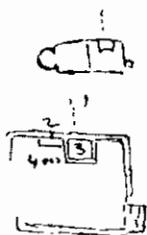
<sup>(1)</sup> Cf. o artigo do Prof. Linckenheld, que citamos na nota 3 da pág. 293, publicado em 1936 na *Rev. de Guimarães* (especialmente o § 5, da pág. 177, e § 18, págs. 182-183).

<sup>(2)</sup> São eles: um em Sabroso, outro na Citânia, outro em Vermoim (Famalicão) e ainda um outro no Monte da Saia, em Barcelos. (Vide *Ob. cit.*, pág. 37 e seguintes). O primeiro estudioso que deu notícia detalhada do notável monumento do Concelho de Barcelos (Fig. 3) foi João Torres, num artigo intitulado «As ruínas existentes no Monte da Saia», publicado no *Comércio do Lima*, N.º 52 de 22-XI-1876, donde transcrevemos a seguinte curiosa descrição: «... Imaginaí uma construção de 2 metros de alto, da forma de uma ferradura, dos ângulos da qual se prolonga um corredor, que se estende em linha oblíqua, alargando para a saída, o qual vai dar a um espaço quadrangular, de um canto do qual sobe uma escada de 3 degraus, que terminava num pequeno pátio. Colocai neste quadrado, encostado a uma das faces, o tanque, e tereis uma ideia muito perfeita da edificação que quero descrever.»

Martins Sarmento registou esta passagem do artigo nos seus

publicados posteriormente, mas que o Sr. António de Azevedo ignora <sup>(1)</sup>, dois deles no Castro asturiense de Pendia (Fig. 4) e um no Castro de Coaña (Fig. 5), explorados pelo ilustre Prof. de Arqueologia da Universidade de Madrid, Dr. Garcia y Bellido <sup>(2)</sup>, o último dos quais em colaboração com o Prof. da Universi-

*Manuscritos Inéditos* (Cad. 39, pág. 72), que anotou com os seguintes desenhos e legenda :



*Espaço quadrangular* : 1) Mina ; 2) lugar dos baixos-relevos ; 3) tanque ; 4) três pequenas pedras quadrangulares em frente dos baixos-relevos.

A semelhança com o monumento de Briteiros é flagrante ! Compare-se com a planta da Fig. 5. Dir-se-ia que Sarmiento, ao esboçar este ligeiro croquis do monumento da Saia, estava desenhando, com extraordinária intuição, outro monumento, ignorado ainda, que só meio século mais tarde havia de surgir da terra !

Perguntamos : Também este monumento, de traçado perfeitamente igual ao da Citânia, seria feito aos bocados, sem uma ligação inicial do conjunto, como pretende o Sr. António de Azevedo que tenha sido construído o de Briteiros ?

<sup>(1)</sup> Cf. *Rev. de Guimarães*, vol. LXI cit., pág. 157.

<sup>(2)</sup> Ainda um quarto monumento foi descoberto recentemente em Espanha pelo ilustre Etnógrafo galego Joaquín Lorenzo Fernandez, em Santa Marinha de Aguas Santas, na região de Orense. A semelhança com o monumento de Briteiros é inegável (vide Fig. 6). Sob uma ermida do séc. XII ou XIII existe uma cripta, na qual foram em parte conservados os restos de uma construção muito anterior. Nesta parte mais antiga da edificação subterrânea, encontra-se um compartimento de planta ultra-hemicircular, com aparelho semelhante ao das habitações citanienses, e coberto por uma falsa cúpula. Chamam-lhe no lugar o *Forno da Santa*. A pedra que desempenha o papel de fecho da abóbada é perfurada no centro, como se houvesse servido de chaminé, conservando-se outra pedra semelhante fora do seu lugar, caída no interior da construção. Como no monumento de Briteiros, também ali se vê um tanque que deve ter substituído outro mais antigo, alimentado pela água que caía de uma caleira, bem como uma grande pedra disposta do mesmo modo que a «pedra formosa». Estas informações, acompanhadas de fotografias e desenhos, que amavelmente nos forneceu o Sr. Lorenzo Fernandez, o qual prepara um

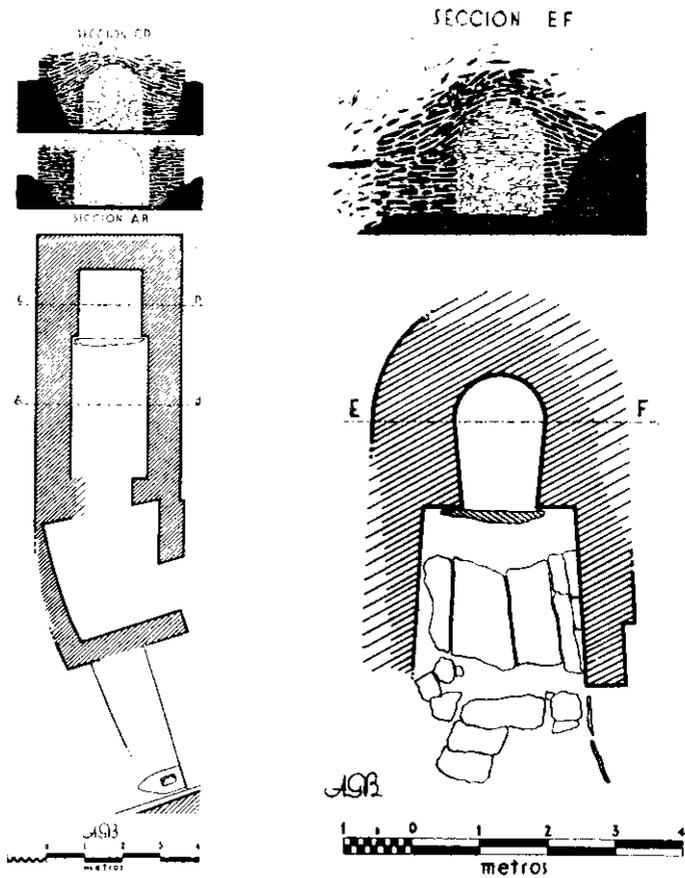


Fig. 4 — Plantas e cortes de dois Monumentos funerários, idênticos ao da Cítania de Briteiros, descobertos pelo Prof. Garcia y Bellido, no Castro de Pendia (Astúrias).

(Des. do Prof. Garcia y Bellido, no seu estudo «El Castro de Pendia»).

dade de Oviedo, Dr. Uria y Riu <sup>(1)</sup>, autor de um notável e bem documentado estudo intitulado «Ritos funerários en las camaras de Briteiros e Coaña», cuja leitura aconselhamos ao Sr. António de Azevedo <sup>(2)</sup>. Para estes Professores, como para tantos outros, constitui uma hipótese perfeitamente aceitável ser o monumento de Briteiros — *um monumento funerário*.

Não se lhe chama, portanto, assim por simples «comodidade», mas porque os mestres chegaram nos seus estudos a essa conclusão admissível, que temos de respeitar, à falta de outra melhor. Se o Sr. António de Azevedo se houvesse dado à canseira de os ler, talvez se tivesse poupado também ao trabalho de nos dar a sua *Nova interpretação*, e a mim o de prestar nesta Revista os esclarecimentos que o seu artigo tornou indispensáveis.

E' tempo de findar, embora muita coisa ainda ficasse por dizer, a propósito da cremação ter sido ou não possível neste monumento, da facilidade ou dificuldades de acesso ao seu interior, se era ou não subterrâneo, etc., (assuntos que, aliás, no nosso opúsculo abordámos com suficiente clareza). Mas, já vai longo este arrazoado, sem dúvida monótono por termos de repisar um assunto há muito discutido em todos os seus aspectos e pormenores. Este monumento de Briteiros tem dado que falar, e feito correr rios de tinta! Primeiramente, era o problema da «Pedra Formosa» e da sua posição original; ficou esse

---

estudo sobre a sua importante descoberta, terminam pelas seguintes palavras: «Creio que o testemunho do material gráfico desfaría toda a dúvida que pudesse haver sobre estes restos. Para mim a coisa é clara: a cultura castreja do NW (note-se que este monumento está num castro) dá-nos uma nova prova da sua unidade, ligando por mais este elemento os castros do Entre Douro e Minho aos da Galiza: estamos em presença de um monumento como os de Briteiros, Sabroso, Vermoim, Coaña, Pendar, etc. Razão tinha V. ... quando previu novos achados como o de Briteiros».

Agora perguntamos nós: todos estes monumentos serão, para o A. da «Nova interpretação», *Templos da Agua*?

<sup>(1)</sup> Vide os trabalhos destes AA., citados na nota 3 da pág. 293.

<sup>(2)</sup> Vide *Revista de la Universidad de Oviedo*, 1941.



caso arrumado em 1930, penso eu. Agora ressurge o da finalidade do próprio monumento e seus atributos! Ora o engraçado do caso é que parece termos sido nós, por via do malfadado opúsculo que escrevemos, com carácter meramente descritivo (nunca é de mais

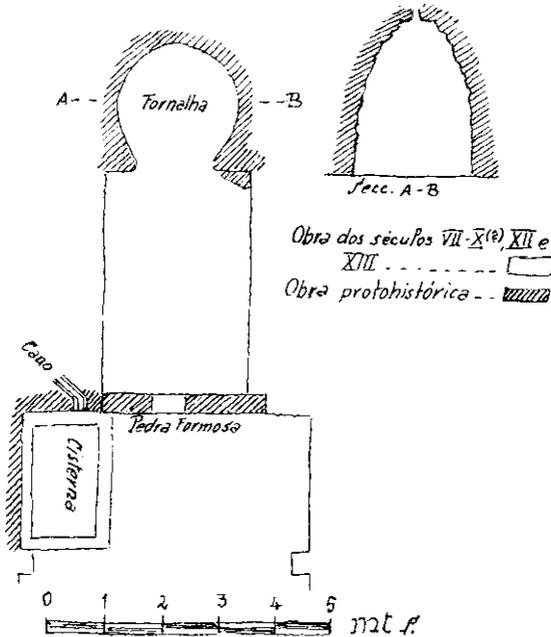


Fig. 6 — Planta e corte dos restos de um Monumento funerário idêntico ao de Briteiros, descoberto pelo Arqueólogo Joaquim Lorenzo Fernandez, num Castro inédito da região de Orense (Galiza).

(Des. de Lorenzo Fernandez, para um estudo em prep.).

repeti-lo), e que publicámos há 15 anos, quando da descoberta do monumento, o culpado de todas as incertezas passadas, presentes e futuras, ou da ânsia de perfeição e de absoluto dos sistematicamente incrédulos, e daqueles espíritos inquietos, a quem a lição dos mestres (que não a minha, pobre apren-

diz de Arqueologia...) jamais satisfaz, ou sequer interessa.

De resto, o domínio da Arqueologia é tão vasto, que na verdade o Sr. António de Azevedo, que tanto interesse parece mostrar por este ramo de ciência, desperdiça lamentavelmente o seu tempo, limitando-se, neste campo de trabalhos, ao restrito ambiente da crítica dos nossos modestos, mas honestos, pequenos ensaios, em vez de o aproveitar no estudo dos tratadistas. Porque, apesar do seu sistemático despreso pelo que os mestres nos ensinam, não lhe restem dúvidas de que a Arqueologia não é ciência compatível com o amadorismo, nem se adquire pela simples observação, ou por mera intuição. Exige uma severa disciplina mental, uma cultura séria, um rigoroso método de análise, e longos anos de preparação. Dentro desse processo de trabalho, temos de pôr de parte, em primeiro lugar, a preocupação da originalidade, e depois abdicar da ânsia de descobrir coisas, que, na maioria das vezes, só o acaso nos faculta. O que importa é saber interpretar e discernir o que esse acaso nos põe diante dos olhos. E isso não se consegue sem estudo, sem esforço e sem canseiras.

Resta afirmar que, escrevendo o que aqui fica, não nos moveu sombra de despeito pelo que o Sr. António de Azevedo tenha dito, ou possa vir a dizer do valor científico dos nossos insignificantes trabalhos de Arqueologia, nem tão pouco desejamos prolongar uma polémica inútil, que aliás a índole e a austeridade desta Revista não consentiriam. Aceitamos a crítica e a correcção dos nossos erros, quando ela é justa, autorizada, e assenta em factos concretos, e não em divagações insustentáveis num campo científico de discussão.

E, para fechar, seja-nos permitido transcrever, muito a propósito, as seguintes palavras do eminente Prof. Caro Baroja, Director do Museu do Povo Espanhol, de Madrid, porque, se elas têm cabimento oportuno em Espanha, muito mais o têm no nosso País: *«El gusto por conceder más a la intuición que al trabajo se halla muy extendido en España, y la idea de que se pueden ignorar los fundamentos de una ciencia*

*y hacer en ella grandes descubrimientos, seduce no sólo a personas interesadas, sino también al público en general. Cada vez que parece que el que se considera especializado se equivoca y el indocto acierta, la gente se alegra».*

Guimarães, Novembro de 1946.

MÁRIO CARDOZO.